

MEMÓRIA, IDENTIDADE E IMAGINÁRIO EM *DIÁRIO DA QUEDA*, DE MICHEL LAUB

Memory, identity and Imaginary in Diário da queda, by Michel Laub

Simone Damasceno Guardalupe
Mairim Linck Piva
FURG

Resumo: O romance *Diário da Queda*, do escritor sul-rio-grandense Michel Laub, publicado em 2011, apresenta como tema central a relação entre avô, pai e filho no que tange à memória e à identidade. Além disso, o romance pode ser analisado através do Imaginário, relacionando a imagem da queda à memória e à violência e à intolerância praticada pelo ser humano. Segundo Durand (2002, p.113), “vertigem é um lembrar brutal da nossa humana e presente condição terrestre”, lembrando a queda humana, assim como são os diários do avô e do pai para o narrador do *Diário da Queda*. Nesse sentido, torna-se interessante investigar a relação entre memória, identidade e imaginário no romance de Michel Laub.

Palavras-chave: memória, violência, identidade, queda.

Abstract: *The novel O Diário da queda, by Michel Laub, published in 2011, has as its central theme the relationship between grandfather, father and son, related to the memory and the identity. The novel can also be analysed by the Imaginary theory, relating the image of the fall to the memory and to the violence and the intolerance. According to Durand (2002, p.113), "Vertigo is a brutal reminder of our human condition and this land condition" reminding the human fall, as it's done by the diaries of his grandfather and father of the "Diário da Queda" narrator. In this sense, it is interesting to investigate the relationship between memory, identity and imagination in the novel by Michel Laub.*

Keywords: *memory, violence, identity, fall*

O romance *Diário da Queda*, do escritor sul-rio-grandense Michel Laub, publicado em 2011, apresenta como tema central a relação entre avô, pai e filho no que tange à memória e à identidade. No romance, observamos que os três homens da família¹ judia são marcados pela

¹ Tanto o avô, quanto o pai, bem como o narrador do romance não são nomeados. Para maior clareza, ao longo do artigo, designaremos as personagens como avô ou sobrevivente de *Auschwitz*, pai (pai do narrador) e neto ou narrador.

necessidade de rememorar e reconstituir o passado da família, nesse aspecto, observamos o entrecruzamento entre o discurso do narrador em seu diário e os discursos do seu pai e de seu avô.

Através das memórias de seu pai e dos outros sobreviventes de *Auschwitz*, como Primo Levi², o pai do narrador constrói sua identidade judaica, na qual ele pauta sua vida afirmando a necessidade de proteger e lembrar ao filho o quanto seu povo sofreu com atos de violência e intolerância. Para o narrador do romance, no entanto, a relação com a violência e suas consequências ocorre de forma particular em sua existência a partir do momento em que provoca a queda de João, um bolsista da escola judaica e que não era judeu. O ato cruel cometido pelo narrador e seus colegas judeus contra um “gói”, desencadeia no neto do sobrevivente de *Auschwitz* uma série de conflitos identitários, que culminam na reflexão sobre a forma como ele percebe o mundo que o rodeia e as relações com o pai e os demais judeus.

Questões como a memória, discurso e identidade presentes nesse romance podem ser analisadas através do Imaginário, desvelando-se diversos símbolos, como a queda, a água, o batismo, intimamente relacionados no texto ao Judaísmo. Além disso, símbolos reiterados, como o do espelho, associam-se à ideia de violência e intolerância praticada pelo ser humano. Nesse sentido, analisa-se o romance *Diário da queda* através da Crítica do Imaginário, na linha proposta pelo pesquisador francês Gilbert Durand, a fim de relacionar questões acerca da memória e da identidade com os símbolos presentes no texto de Michel Laub.

A Teoria do Imaginário considera os símbolos como parte de um processo geral do pensamento humano, simultaneamente indireto e concreto, e que, por conseguinte, constitui o dado fundamental da consciência humana. Na obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, o pesquisador propõe dois regimes de constelação de imagens: o Diurno, em que se verificam símbolos relacionados à altura, à elevação, à luta contra as trevas, ao terror e à morte, e o Noturno, no qual se inserem os símbolos relacionados à dialética, à concordância com o tempo.

Em *Diário da Queda*, observamos a presença dos símbolos catamórficos, ligados à noção de temporalidade, nesse aspecto, tem-se os símbolos da queda e da vertigem como imagens da angústia humana diante da passagem do tempo. Essa angústia, relacionada ao Regime Diurno, pode ser observada nos três personagens centrais do romance de Michel Laub: “avô, pai e neto”.

² Primo Levi: sobrevivente de campo de concentração, que escreveu mais de 300 obras sobre o Holocausto, entre elas o livro *É isto um homem?*, obra que o pai do narrador do romance de Laub refere ler com o intuito de buscar mais informações sobre como foi a vida de um judeu durante a Segunda Guerra Mundial, na tentativa de rememorar o que seu pai viveu e vivenciou.

A queda é uma imagem recorrente na rememoração dos três homens da família, e pode estar associada à memória judaica, à memória dos familiares, à morte e também ao renascimento. Em relação ao renascimento, pode-se pensar que, além dos símbolos catamórficos, a narrativa caracteriza-se pela presença do Regime Noturno da imaginação, no qual há a inversão do sentido de morte, há uma esperança de recomeço, como observamos na passagem que descreve a chegada do avô ao Brasil, onde ele “renasce” tentando apagar de sua mente, de sua identidade, as imagens de tudo o que vivenciou. Há também o renascimento da personagem João após a queda, a qual proporcionou uma significativa mudança de comportamento. Além disso, há também a esperança de um recomeço através do nascimento de um filho – verificada no momento em que cada um dos homens da família se torna pai. Essa esperança de recomeço é um dos motivos pelo qual o narrador faz o seu ‘diário da queda’, destinado ao seu filho.

A tentativa de transpor o tempo e de sublimar a negatividade do passado das personagens também está relacionada à escrita dos diários dos três homens da família. O avô, diante do sofrimento e da angústia em relação ao que passou no campo de concentração, relata o mundo de acordo com seu ponto-de-vista no diário, porém não relata a morte de sua família e de seus amigos em *Auschwitz*. O pai, ao descobrir que está com Alzheimer, escreve um diário a fim de não esquecer e de registrar o que viveu e o que conheceu sobre seu pai e seus antepassados através dos relatos dos sobreviventes. Já o neto pretende com sua escrita no diário transcender o passado de sua família, “zerar” os conflitos com o intuito de que seu filho saiba da história de seus ascendentes, mas que essa memória - a da “queda” - seja a dos judeus nos campos de concentração, seja a queda de seu avô ou a queda do colega João - fique relegado à lembrança e ao registro do diário. Nesse sentido, podemos estabelecer uma relação ao que Menda (2013) declara sobre o ato de escrita dos diários em *Diário da Queda*. Os diários representariam uma tentativa de libertação seja emocional ou relacionada a memória:

A escrita, dessa forma, surge como uma espécie de libertação: há a necessidade da queda, tanto física quanto emocional, para que o personagem possa se reerguer de um modo mais sólido e, apesar dos percalços transgeracionais, encontrar a sua posição na cadeia geracional. (MENDA, 2013, p.30)

Tanto a memória e a escrita dos diários do avô, quanto a do pai bem como a memória e a escrita do narrador são, de certo modo, tentativas de transpor o tempo e de perpetuar a vida através da memória: seja do “mundo como deveria ser”, sobre a ótica do sobrevivente de *Auschwitz*, sejam as lembranças do pai do narrador, que também sofreu as consequências do

Holocausto e, também, as lembranças e as reflexões sobre as memórias dos antepassados do narrador.

A memória e a temporalidade estão fortemente ligadas em *Diário da queda*, principalmente no que se refere à questão do sofrimento do povo judeu, como observamos na passagem:

Em trinta anos será quase impossível achar um ex-prisioneiro de *Auschwitz*.
Em sessenta anos será muito difícil achar um filho de ex-prisioneiro de *Auschwitz*.
Em três ou quatro gerações o nome *Auschwitz* terá a mesma importância que hoje tem nomes como Majdanek, Sobibor, Belzec.
Alguém lembra se morreram oito ou oitenta ou oitenta mil pessoas em Majdanek, duzentas ou duzentas mil pessoas em Sobibor, quinhentas ou quinhentas mil em Belzec? Faz diferença pensar em termos numéricos, no fato que *Auschwitz* e os campos que seguiram seu modelo mataram cerca de seis milhões de judeus? Para o meu pai importava que não fossem apenas seis milhões de judeus, e sim vinte milhões somando-se aí ciganos, eslavos, homossexuais, deficientes físicos, deficientes mentais, criminosos comuns, prisioneiro de guerra, muçulmanos, ateus, testemunhas de Jeová? Ou que não fossem vinte milhões, na verdade, e sim, sessenta milhões considerando-se as baixas gerais da guerra (LAUB, 2011, p. 118-119).

Tempo e memória são intrínsecos porque para o pai e para os sobreviventes, como Primo Levi que escreve suas memórias do campo de concentração, é necessário rememorar o Holocausto para que novas violências não aconteçam. Para o narrador, a memória do extermínio dos judeus será esquecida assim como outros genocídios, que o tempo fez “apagar” das nossas mentes. Podemos dizer que para o neto do sobrevivente de *Auschwitz*, é o tempo que apaga, acaba com a dor dos sobreviventes ou dos descendentes dos que passaram por um ato de violência como ocorrido na Segunda Guerra Mundial e, desse modo, é através do tempo que também é permitido que outros genocídios aconteçam, através do esquecimento e da alienação do ser humano em relação ao seu passado e ao do outro.

É através da memória do Holocausto que o discurso de uma eterna necessidade de ‘defender-se diante de adversidades’ se faz presente na família da diáspora: “meu pai dizia que os judeus sempre devem ter profissões que possam exercer em qualquer circunstância, por que de repente você é forçado a deixar o país onde você morou desde sempre” (LAUB, 2011, p.45). Essas memórias e o discurso dos judeus são postos em xeque a partir do conflito identitário que envolve o narrador. Ele, um judeu, neto de sobrevivente do campo de concentração, juntamente com seus colegas judeus, descendentes de um povo hostilizado ao longo da história da humanidade, cometem atos de violência contra um não-judeu. Há nesses atos de violência contra os “góis”, a mesma intolerância que um dia seus ascendentes sofreram. Observa-se que a brutalidade e a cegueira em relação ao outro são apresentadas através da simbologia do espelho,

como sendo o reflexo o responsável por revelar os conteúdos do coração e da consciência. O ato de não-olhar para os judeus é o mesmo ato de não olhar para João, que após sair do colégio judeu e frequentar junto com o narrador uma escola de não-judeus, cega-se em relação ao neto do sobrevivente.

Memória, discurso e identidade são questões intrinsecamente ligadas no romance de Michel Laub e é através da imagem da “queda” e de suas múltiplas significações no texto que essas questões são desveladas. A queda é uma imagem ligada ao povo judeu ao longo do tempo, a queda faz parte de seus rituais: como o Bar Mitzvah e a queda dos noivos em cerimônia matrimonial e, é também associada ao Holocausto. Tais imagens presentes nos costumes e na cultura judaica compõem a memória coletiva e a identidade desse povo e são inferidas ao longo do romance. Além disso, a imagem da queda da personagem João desvela o quanto o discurso de proteção e de necessidade de lembrar o passado faz com que os membros da família judia de *Diário da Queda* “fechem os olhos” para o outro, seja familiar ou não.

A identidade, a memória e o Judaísmo

A identidade e a memória são elementos que se constituem através do imaginário do narrador, como observamos ao longo do romance, onde os discursos de avô-pai-neto são intercalados. Muitas vezes, para falar sobre seu pai, o narrador apresenta as memórias de seu avô, quando é sua vez de falar sobre si mesmo, em muitos casos, o narrador nos apresenta as memórias de seu pai.

A partir da mistura das memórias dos três homens, são dados ao conhecimento as identidades, o perfil dessas personagens. Nesse sentido, podemos dizer que muito do que formou a identidade do pai do narrador foram as memórias de seu pai e dos demais sobreviventes do Holocausto. Já o narrador, por sua vez, mescla as memórias de seu avô, de seu pai e de si mesmo ao longo da narrativa para descrever e contar sua história de vida. A mescla de memórias e sentimentos que caracterizam o discurso do neto do sobrevivente de *Aushvitz* desvela um conflito identitário que acompanha o narrador desde a queda do menino visto como um diferente até a descoberta da enfermidade de seu pai. Sendo assim, a memória no romance de Laub é o principal constituinte da identidade do neto do sobrevivente de *Aushvitz*, conforme Menda (2013):

A reconstituição dos fatos, através da memória, revela mais do que um mero acidente, cujas consequências se projetam em diversos fatos da vida do protagonista nas décadas seguintes – a adolescência conturbada, o

relacionamento conflituoso com o pai, a descoberta do suicídio do avô, mantido como segredo familiar. Paulatinamente, ocorre uma reflexão corajosa sobre afetos, perdas e construção da identidade através da transmissão geracional. Nas lembranças que se unem de forma fragmentada, surgem os elos entre as três gerações. Assim, a história geracional parece ser uma só, tal a força da atualização e recorrência dos fatos para a elaboração e compreensão do presente do narrador (MENDA, 2013, p.20).

Gilbert Durand (2002), citando Satre, declara que não se pode confundir o imaginado com o rememorado, pois se o imaginário ‘colore’ a imaginação com resíduos à *posteriori*, não é por isso menos exato que existe uma essência do próprio imaginário que diferencie a essência do pensamento do poeta, dos pensamentos dos cronistas e dos memorialistas. Para Durand, o imaginário constitui-se de um trajeto antropológico no qual o objeto imaginado parte das interações sociais e psicológicas do homem. Sendo assim, podemos evocar os conceitos de memória coletiva e memória individual de Maurice Halbwachs:

Portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias. (...) A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda seria bem mais extensa do que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob forma resumida e esquemática, ao passo que a memória de nossa vida nos apresentaria um panorama bem mais contínuo e denso. (HALBWACHS, 2003, p.71-72)

A memória evoca imagens que são comuns ao meio, como a imagem do Holocausto no romance, desse modo, podemos dizer que há nesse processo de rememoração a formação de representações/imagens acerca do que é a violência e a intolerância.

Se a função da imaginação simbólica é a negação da morte e do tempo, o ato de lembrar pode ser considerado como uma forma de negação da passagem do tempo e da morte. A memória, considerando-a como um elemento composto pelo imaginário, muitas vezes não se relaciona com a realidade, podendo ser manipulada, como observamos no diário do avô:

Nos cadernos de meu avô, o Brasil de 1945 era um país que não tinha passado pela escravidão. Onde nenhum agente do governo fez restrições à vinda de imigrantes fugidos da guerra. Um lugar repleto de oportunidades para um professor de matemática que não falava português. (LAUB, 2011, p.17)
No hospital não há problemas que possam perturbar a paz do marido da esposa grávida, cujo filho irá selar a continuidade e doação amorosa dos dois, quando ele deseja caminhar sozinho pelos corredores ou ir para casa e ficar sozinho. (LAUB, 2011, p.46)

As lembranças do avô não são apenas fatos dados, mas o registro de uma certa visão de mundo sobre os acontecimentos de sua vida. Por exemplo, o casamento e a gravidez de risco da esposa não são descritos de forma negativa, mas em um tom de “suavização” das situações,

irônico e, por isso, muito crítico. O registro do avô desvela seu sofrimento e trauma em relação ao que presenciou no campo de concentração que faz com que ele tente apagar essas memórias, construindo novas memórias de acordo com o que ele gostaria que fosse o mundo.

Segundo Maurice Halbwachs (2003, p.72) a memória individual não é inteiramente isolada e fechada, porque para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta para pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. O discurso do narrador bem como a constituição de sua identidade são consequências da memória de *Auschwitz* e das imagens que dessa lembrança emergem.

Meu pai falava muito da Alemanha dos anos 30, em como os judeus foram enganados com facilidade, e era fácil achar que uma casa invadida era um evento isolado, que o ataque a uma ótica ou ferragem cuja portaria amanhecia com uma estrela pintada era obra de um bando qualquer de vândalos, por que se você têm negócios e paga impostos e gera empregos e vive confortavelmente adaptado ao país onde nasceram seus parentes até o terceiro grau de ascendência não vai querer imaginar a hipótese de perder tudo, e da noite para o dia embarcar num navio, você com a roupa do corpo rumo a um lugar onde não conhece nada dos costumes, da política, da história (LAUB, 2011, p.26).

A memória do narrador nesse sentido é um conjunto de imagens que se formam do passado através dos escritos do avô e das leituras absorvidas pelas obras de Primo Levi e que migram para o presente, constituindo o imaginário sobre a vida desse sobrevivente, sobre a vida de seu pai e de sua própria vida.

Paul Ricoeur (2007) afirma que a fragilidade da identidade se revela como uma oportunidade de manipulação da memória, por via ideológica. Sendo assim, podemos dizer que, por não ter dados sobre a vida do sobrevivente de *Auschwitz*, o pai do narrador busca na leitura dos textos de Primo Levi o fortalecimento de sua identidade através do conhecimento da história de seu povo. No entanto, parece que tais leituras levaram ao distanciamento de seu filho por consequência das excessivas referências ao Holocausto e de sua postura protecionista. É ainda a fragilidade identitária que leva o narrador a ler as memórias do seu avô, de seu pai e de suas próprias memórias, a fim de conhecer melhor o que o levou ao distanciamento de seu pai e ao alcoolismo. Talvez por isso, em seu “diário da queda”, o narrador para falar de si mesmo recorre ao que sabe de seu avô e ao que sabe de seu pai.³

³ O livro *Diário da Queda* é dividido em capítulos denominados “Algumas coisas que sei sobre meu avô”, “Algumas coisas que sei de meu pai”, “Algumas coisas que sei sobre mim”, “Mais algumas coisas que sei sobre meu avô”, “Algumas coisas que sei de meu pai”, “Algumas coisas que sei sobre mim”, nos quais o narrador mescla suas memórias com as memórias de seus antepassados. Muito do que o neto do sobrevivente vivenciou é fruto do que seu pai e seu avô vivenciaram, por isso para entender o filho é necessário conhecer a história do pai e do avô.

Meu avô não gostava de falar do passado. O que não é de estranhar, ao menos em relação ao que interessa: o fato de ele ser judeu, de ter chegado no Brasil num daqueles navios apinhados, o gado para quem a história parece ter acabado aos vinte, trinta ou quarenta, não importa, e resta apenas uma lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve (...) Eu também não gostaria de falar desse tema (...) As testemunhas já narraram isso por detalhe (...) gerações de historiadores e filósofos e artistas que dedicaram suas vidas a acrescentar notas de pé de página a esse material, um esforço para renovar mais uma vez a opinião que o mundo tem sobre o assunto, a reação à palavra Auschwitz, então nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar de meu avô, e por consequência de meu pai, e por consequência de mim. (LAUB, 2011, p.8-9)

O neto do sobrevivente, mesmo tentando fugir da lembrança do Holocausto, tem sua vida atrelada a esse fato do passado de sua família, como a prisão a que ele refere ser ainda pior que aquela onde o avô e os demais judeus estiveram. Nesse aspecto, podemos perceber que é através dessa prisão imaginária, que é desvelada pela memória que o narrador entra em conflito com seu pai enquanto jovem, por não se aceitar como uma vítima e não se identificar com o judaísmo e, também, reforça a sua identidade quando adulto através da leitura dos diários e da escrita de seu próprio diário, no qual há uma reconciliação consigo mesmo e com sua origem.

“A inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares”

As imagens relacionadas à queda se fazem presentes em diversos segmentos do romance, como o Bar Mitzvah, a queda da personagem João, a queda nas câmaras de gás, a queda de Primo Levi, o suicídio do avô. A imagem da queda é referida no Regime Diurno da imagem e classificada como um símbolo catamórfico, o qual, segundo Durand, constitui a terceira grande epifania da angústia humana diante da temporalidade. Pode-se associar o imaginário sobre a queda com uma frase proferida e repetida diversas vezes ao longo da narrativa: “a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares”, essa frase, primeiramente proferida pelo avô e posteriormente mencionada pelo neto, aponta para o fato de a condição humana de não ter o controle do tempo e das situações.

Para Durand (2002), já no nascimento, o ser humano tem sua primeira experiência da queda, a qual estaria associada aos símbolos das trevas:

O movimento demasiado brusco que a parteira imprime ao recém-nascido, as manipulações e as mudanças de nível brutais que se seguem ao nascimento seriam, ao mesmo tempo, a primeira experiência da queda e a primeira experiência do medo (DURAND, 2002, p.112).

Para cair, na primeira infância, seria necessário, um suporte para a ascensão, ou seja, para aprender a andar e, conseqüentemente, como suporte da postura vertical. Nesse sentido, nossas primeiras experiências de gravidade estariam ligadas às ideias de movimento, aceleração e de

trevas. No romance, observamos que é a partir das várias quedas que o narrador sofre e observa ao longo de sua vida que ocorre o processo de amadurecimento e de autoconhecimento.

A rememoração dos fatos da vida de seu avô e de seu pai podem ser relacionadas à imagem da vertigem, pois, segundo Durand: “A vertigem é a imagem inibidora de toda a ascensão, um bloqueamento psíquico e moral que se traduz por fenômenos psicológicos violentos. A vertigem é um relembrar brutal da nossa humana e presente condição terrestre” (2002, p.113). A vertigem é o relembrar da queda humana, assim como são os diários do avô e do pai para o narrador.

A imagem da queda é associada ainda aos símbolos à inveja, à cólera e ao assassinio. No romance, a violência, a intolerância e o assassinato estiveram nos campos de concentração, mas também estão no colégio judaico, onde o João sofreu discriminações e quase foi assassinado. A inveja está no sentimento do narrador quando jovem ao ser ignorado pelo seu amigo após mudarem de escola. A cólera, fruto da inveja ou da intolerância, pode ser observada através da intolerância étnica e social e na revolta do narrador contra o pai e contra o seu amigo. Tanto a agressão física deferida contra o pai, quanto a agressão verbal proferida contra João são consequências dos sentimentos que emergem no íntimo do narrador. Esses sentimentos, estão, de certo modo, associados ao conflito identitário pelo qual o neto do sobrevivente passa ao longo de sua juventude e vida adulta.

As diversas quedas presentes no romance são fruto da “inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares”, as quais geraram os conflitos, mas também o fortalecimento de sua identidade. Nesse sentido, observamos a descoberta da queda/suicídio do avô e do trauma de seu pai que tem nesse fato o marco da passagem da adolescência para as responsabilidades da vida adulta, o acidente de João, trauma que o faz negar suas origens e a doença do pai. O alcoolismo do narrador também é uma forma de queda, sendo uma morte-entorpecimento em vida.

“Cair”, no romance, também pode ser associado à ideia de nascimento ou de renascimento. O diário não trata somente das “quedas” dos homens da família em relação a atitudes negativas ou a memória dessas, mas também ao nascimento seja do sobrevivente, do filho dele, do narrador e de seu filho.

Desse modo, observamos no romance de Michel Laub a presença do Regime Noturno das imagens, que Gilbert Durand conceitua, principalmente no que se refere aos símbolos de inversão do sentido da morte. Nas personagens da família judia percebemos o renascimento do

sobrevivente de *Auschwitz*, assim como a memória do nascimento de seus descendentes. Para o sobrevivente, a chegada ao Brasil simboliza o nascimento de uma nova vida: “Já li dezenas desses relatos de imigrantes, e a estranheza de quem chega costuma ser o calor, a umidade, o uniforme dos agentes do governo, [...] mas no caso de meu avô a frase inicial é sobre um copo de leite” (LAUB, 2011, p.24)

O primeiro alimento que o sobrevivente consome em sua nova vida é o leite, o mesmo alimento que o recém-nascido consome. O leite simboliza a vida, o alimento primordial. Porém, no romance esse leite está contaminado, remetendo à ideia de algo impuro: “tomado o primeiro copo de leite em anos, o leite do novo mundo e da nova vida, saído de um jarro conservado não se sabe onde, como e por quanto tempo, e em poucas semanas ele quase morreria por causa disso” (LAUB, 2011, p.24). Essa contaminação, pode ser associada às memórias do sofrimento dos judeus e do avô do narrador, imagens que compõem a vida e a identidade dos descendentes desse sobrevivente.

A ideia de recomeço ou de renascimento também está na vida do pai do narrador através do casamento e da constituição de uma nova família e no nascimento do filho do narrador, o qual vê nessa vida que está por chegar/cair a possibilidade de reconciliação com sua identidade, com a família e consigo mesmo através da cura do alcoolismo.

A imagem da queda, portanto, estaria ligada tanto a questões que emergem da memória das personagens, de seus erros, de seus sofrimentos, mas também ligada à esperança de um novo recomeço. Talvez por isso, observa-se que o narrador ao saber da doença de seu pai, que tanto quis lembrar suas origens e que esquecerá tudo o que um dia conheceu e viveu, tenha tomado a atitude de mudar sua vida: “eu deitado e o torpor que está por vir, é só querer, é só fechar os olhos e pensar num lugar escuro e isolado e um balanço morno e lento e constante rumo ao nada” (LAUB, 2011, p.60), seus pensamentos evocam a imagem da queda, do abismo, da descida. Mas toda descida, como a que o narrador fez em seu íntimo ao rememorar sua vida, seus conflitos e os escritos de seu avô e de seu pai, também é a possibilidade para uma ascensão, como ocorre através da mudança de suas atitudes e a reconciliação com suas origens.

Considerações Finais

O romance de Michel Laub apresenta ao longo de sua narrativa diversas imagens que remetem à cultura judaica e que podem ser associadas a questões de memória e de identidade que se relacionam com a família do narrador. A queda, presente no título do romance, é uma imagem

ligada ao judaísmo e é simbolizada de diversas maneiras ao longo da narrativa, seja ligada à ideia de morte, de violência, de nascimento, seja ligada a questões de memória e a identidade.

A identidade do narrador apresenta-se em conflito em relação ao mal-estar gerado após a queda de um colega e o discurso protecionista de seu pai. O conflito identitário também acontece quando o narrador sai do colégio judaico e frequenta uma escola com pessoas de diversas religiões e culturas. O neto do sobrevivente, ao longo de sua vida, sente-se deslocado em relação aos discursos e ao contexto em que está inserido. A partir da descoberta da doença de seu pai, da leitura do diário de seu avô e de seu pai e da escrita de suas memórias, ele pode enfim lembrar e refletir sobre sua condição e, assim, modificar sua vida.

A memória, a identidade e o imaginário estão, portanto, intrinsecamente ligados na narrativa, pois é ao narrar suas memórias e a de seus parentes que o neto do sobrevivente de *Auschwitz* consegue “reconciliar-se” consigo mesmo e com suas origens. Há ao longo da escrita uma reflexão sobre o que viveu e vivenciou e, conseqüentemente, um fortalecimento de sua identidade.

A queda é uma imagem presente nas memórias das personagens do romance. Se cair é simbolizado como uma experiência do medo, um ato necessário para aprender a andar, no romance essa imagem é um ato que desencadeia os conflitos identitários: do avô em relação ao Holocausto, do pai em relação ao suicídio do sobrevivente de *Auschwitz* e do narrador em relação à queda do colega de infância e as demais quedas que aconteceram ao longo de sua vida e da vida de seus familiares. Essa imagem na narrativa, no entanto, não é simbolizada apenas pelos aspectos negativos, pois a queda está associada ao nascimento, como acontece com o sobrevivente após a chegada ao Brasil, o nascimento do filho e do neto e, por fim ao nascimento do filho do narrador. Sendo assim, cair simboliza a esperança de um recomeço, de uma nova vida, como fica evidenciada nas últimas frases da narrativa: “o que resta a esta altura não é mais alegre nem triste, bom ou ruim, verdade ou mentira no passado que também não é nada diante daquilo que sou e serei, quarenta anos, tudo pela frente, a partir do dia em que você nascer” (LAUB, 2011, p.151).

Referências

- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números*. Tradução de Vera de Sá Costa e Silva. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LAUB, Michel. *Diário da Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
MENDA, Leniza Kautz. *Diário da Queda: a força da transmissão entre gerações e a transgeracionalidade*. *WebMosaica* revista do instituto cultural judaico marc chagall v.5 n.2 (jul-dez) 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/search/search>. Acesso em 23 ago. 2015.
SOUZA, Raquel R. Memória e Imaginário. In: BERND, Zilá (org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literális, 2010.
RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

Simone Damasceno Guardalupe

Mestranda do PPG Letras – História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), bolsista CAPES/FAPERGS. E-mail: si.guardalupe@gmail.com

Mairim Linck Piva

Doutora em Letras - Teoria da Literatura (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, História da Literatura, da FURG. Coordenadora de projetos de pesquisa na área da Literatura e Imaginário, coordenando o grupo de pesquisa “Literatura, imaginário e poéticas da contemporaneidade”. E-mail: mairimpiva@furg.br

Recebido em 20 de setembro de 2015.

Aceito em 30 de outubro de 2015.